

TIPOS DA ATUALIDADE

França Júnior

(O BARÃO DA CUTIA.)

Comédia em três atos

PERSONAGENS

BARÃO DA CUTIA - 50 anos
GASPARINO DE MENDONÇA - 25 anos
DOUTOR CARLOS DE BRITO - 26 anos
DONA ANA DE LEMOS, mãe de - 40 anos
MARIQUINHAS - 17 anos
PORFÍRIA DE MENDONÇA - 70 anos

A ação passa-se no Rio de Janeiro.

Atualidade.

ATO PRIMEIRO

A cena representa urna sala mobilada com gosto: no fundo portas que dão para um jardim; à esquerda uma janela, portas laterais, etc.

CENA I

MARIQUINHAS e DONA ANA DE LEMOS

MARIQUINHAS (Encostada à janela.) - Que bela tarde, mamãe. E bem provável que o Senhor Carlos venha hoje fazer-nos uma visita. Há tanto tempo que ele não aparece; talvez que esteja doente.

D. ANA - Tomas tanto interesse pelo Senhor Carlos, Mariquinhas.

MARIQUINHAS (*Saindo da janela e sentando-se defronte de D. Ana.*) - Engana-se, mamãe: estimo-o apenas como se pode estimar um moço de belas qualidades e de fina educação. O Senhor Carlos foi-nos apresentado em uma das partidas do Clube, e estou bem certa que vosmecê não lhe ofereceria a sua casa, se não visse nele um moço delicado e da alta sociedade.

D. ANA - Não duvido, minha filha; porém seria melhor que te ocupasses mais com os teus bordados, com as tuas músicas e os teus desenhos, do que com o Senhor Carlos.

MARIQUINHAS - Pois bem, mamãe, não falarei mais nele.

D. ANA - Escuta, Mariquinhas; não te zangues, tu ainda estás muito criança e pouca experiência tens do mundo; estás numa idade em que te deixas levar mais pela paixão do que pela razão. O Senhor Carlos tem transformado essa cabecinha: viste-o pela primeira vez no Clube, e desde então tenho reparado que é ele o objeto constante de tuas conversações. Tu já o amas, Mariquinhas; não me negues. E sendo assim, pergunto-te eu agora: o que pretendes com esse namoro? Casar com o Senhor Carlos? Esperas fazer a sua felicidade, unindo-te a um doutorzinho em medicina, que agora começa a sua carreira, e cuja fortuna consiste em um diploma?

MARIQUINHAS - Mas, minha mãe, o Senhor Carlos é um moço inteligente e estudioso, e com o seu diploma poderá em breve sustentar a dignidade de sua posição.

D. ANA - Dignidade de posição! Que posição tem um doutor em medicina? Bem digo eu que a senhora está com essa cabecinha virada. Diga-me, Senhora Dona Mariquinhas, quando eu me casei com seu pai, que Deus tenha em sua Santa Glória, não era ele um homem respeitável pela sua posição? e era porventura seu pai formado em medicina? seu pai foi negociante na rua do Rosário, e negociante muito honrado. Se veio para o Brasil sem posição, soube elevar-se com o suor de seu trabalho, tanto que frequentou depois as melhores sociedades, e foi estimado de todos.

MARIQUINHAS - Mas, minha mãe, acredite vosmecê que, se meu pai era estimado de todos, como acaba de dizer, não era unicamente pelos seus belos olhos, mas sim por causa do dinheiro que tinha.

D. ANA - Justamente! chegou a senhora onde eu queria chegar. Seu pai tinha dinheiro, e foi o dinheiro que lhe deu posição. Enquanto ele era caixeiro, ninguém lhe deu importância; mas depois a senhora bem sabe que o dinheiro granjeou-lhe uma comenda, que o dinheiro abriu-lhe as portas das melhores sociedades, e que finalmente o dinheiro deu-lhe consideração e importância. Eu não quero portanto namoro em minha casa: quando for ocasião arranjar-lhe-

ei um negociante honrado, ou algum homem sisudo para fazer a sua felicidade. Deixe-se de doutorzinhos.

MARIQUINHAS - Pois bem, mamãe, não se amofine; sujeitar-me-ei às suas vontades. (*À parte.*) Pobre Carlos!

D. ANA - Seria melhor que, em lugar de pensar em namoros, fosse tocar alguma coisa ao piano para divertir sua mãe.

MARIQUINHAS (*Depois de alguma pausa.*) - Vosmecê pretende ir hoje ao teatro? representa-se a *Traviata* e canta a de La Grange.

D. ANA - Hoje não posso: estou constipada, e o sereno há de fazer-me mal.

MARIQUINHAS (*À parte.*) - Mais esta esperança perdida! (*Alto.*) mas nós vamos de carro, e vosmecê podia ir bem agasalhada... (*Ouve-se o rodar de um carro: à parte.*) - É ele! sinto o coração bater, e o coração não me engana. É Carlos! (*Vai a uma das portas do fundo e encontra-se com Gasparino, que faz-lhe uma grande cortesia.*)

CENA II

AS MESMAS e GASPARINO

GASPARINO - É um humilde criado de Vossa Excelência.

MARIQUINHAS (*À parte.*) - Que maçante!

GASPARINO (*Dirigindo-se a D. Ana faz-lhe outra cortesia.*) - Tenho a honra de fazer os meus sinceros cumprimentos à Senhora Dona Ana de Lemos.

D. ANA - Ora viva, Senhor Gasparino. Pensei que já se tivesse esquecido de nós, e que não quisesse mais honrar esta sua casa.

GASPARINO (*Sentando-se.*) - Depois que Vossa Excelência mudou-se para o Engenho Velho, raras são as tardes e noites de que tenho podido dispor. Sócio dos Clubes Fluminense e de Botafogo, do Cassino, assinante de uma cadeira do Ginásio, de outra no Lírico, freqüentador de todas essas sociedades onde se reúne o *grand monde* faz-se necessária a minha presença nesses lugares. Às tardes costumo dar o meu passeio pelo Catete, Botafogo

e São Clemente. Ultimamente mandei vir uma égua de Meklemburg, oh! que linda égua, minha senhora! Comprei um elegante faetonte... (*Mudando de tom.*) Com licença, (*Indo à janela.*) James! vira o carrinho, e afasta o cavalo do trilho da Maxambomba.

MARIQUINHAS (*À parte.*) - Oh! que bobo, meu Deus! (*Encosta-se pensativa à janela.*)

GASPARINO (*Voltando-se para D. Ana.*) - É necessário ter muito cuidado com aquele animal: é muito feroso e espanta-se de qualquer coisa.

D. ANA - Se quiser pode mandar entrar o carrinho para a chácara.

GASPARINO - Não é preciso, minha senhora... Mas, como ia dizendo, comprei este lindo faetonte e todas as tardes faço o meu *tour de promenade* pelas ruas mais freqüentadas da capital. Hoje quis respirar os ares do Engenho Velho, e ao mesmo tempo apreciar no campo *microscópio* do meu *pince-nez* as belas ninfas deste arrabalde.

D. ANA - Não tenciona ir depois de amanhã à partida do Clube, Senhor Gasparino?

GASPARINO - Se não estiver comprometido para outros lugares...

D. ANA - A sua ausência há de ser sentida, principalmente por aquela linda menina de vestido branco que tanto ocupou sua atenção no baile passado!

GASPARINO - Quer Vossa Excelência falar-me da pérola de São Clemente? Oh! *c'est ravissanté!* tive, é verdade, um pequeno namoro de dias, mas afinal deixei-a.

D. ANA (*Rindo-se.*) - Por quê, Senhor Gasparino?

GASPARINO - Soube que o pai era um negociante falido, e bem vê que uma mulher sem dinheiro...

D. ANA - Entendo; o Senhor Gasparino anda à caça de um casamento rico.

GASPARINO - Um casamento rico, minha senhora, é na minha opinião um emprego mais vantajoso do que outros tantos que por aí há. Devemos acompanhar as idéias do século; longe vão esses tempos em que o cavaleiro de espada em punho combatia pela sua dama. Já não há Romeu nem Julieta, e se ainda existe o amor platônico, como o concebeu o filósofo da

antiguidade, é tão somente na cabeça desses loucos que se intitulam poetas. Hoje as teorias são mais positivas.

D. ANA (*Suspirando.*) - Desgraçadamente nem todos pensam assim, Senhor Gasparino. (*Para Mariquinhas.*) Menina, vai tocar alguma coisa para o Senhor Gasparino ouvir.

MARIQUINHAS - O piano está muito desafinado, mamãe. (*À parte.*) Este homem não nos deixará!

D. ANA - O Senhor Gasparino há de desculpar. (*Mariquinhas dirige-se ao piano para abri-lo.*)

GASPARINO (*Para Mariquinhas.*) - *Sans façón*, minha senhora, Vossa Excelência apreciava da janela o grato perfume das flores do seu jardim, e a queda do astro brilhante que lá se atufa num oceano de luz na horizonte. (*Pondo a luneta.*) Oh! *c'est magnifique!* É um quadro digno do pincel o mais inspirado.

MARIQUINHAS - O Senhor Gasparino sabe desenhar?

GASPARINO - Alguma coisa, minha senhora, o meu pincel não é lá dos melhores. (*Ouve-se o toque da corneta da Maxambomba, e em seguida um rumor surdo de carro.*)

MARIQUINHAS (*À parte.*) - Oh! sem dúvida é Carlos. (*Alto. Dirige-se à janela.*) Oh! mamãe, lá caiu um homem da Maxambomba; está todo sujo de poeira, coitado; levantou-se e dirige-se para aqui.

D. ANA (*Indo ao fundo.*) - Machucar-se-ia? coitado!

GASPARINO (*Pondo a luneta.*) - É uma figura antediluviana!

CENA III

OS MESMOS e o BARÃO DA CUTIA

BARÃO (*Entra todo sujo de poeira, sacudindo a roupa.*) - É aqui que mora a Senhora Dona Ana de Lemos?

D. ANA (*Fazendo uma cortesia.*) - É esta sua criada: queira ter a bondade de sentar-se.

MARIQUINHAS (*À parte.*) - O que quererá este homem!

GASPARINO (*À parte.*) - É uma figura antediluviana, não retiro a expressão. (*Dirige-se ao espelho, torce o bigode e arranja os colarinhos e a gravata.*)

BARÃO (*Sentando-se, fica por algum tempo atrapalhado com o chapéu e a bengala, e um maço de cartas que tira do bolso.*) - Trago esta carta de São Paulo para Vossa Senhoria.

GASPARINO (*À parte.*) - Vossa Senhoria? Isto é coisa muito ordinária, não tem dúvida.

D. ANA (*Recebendo a carta.*) - Com licença, (*Abre-a lendo.*) "Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Dona Ana de Lemos. São Paulo, etc. A maneira obsequiosa e delicada com que Vossa Excelência se dignou tratar-me durante o tempo que estive em sua amável companhia, animou-me a utilizar-me ainda de seu valioso préstimo, apresentando a Vossa Excelência, por meio desta, o meu sincero amigo e companheiro de infância, o Excelentíssimo Senhor Barão da Cutia, um dos mais ricos fazendeiros desta Província... (*Procurando a assinatura.*) Seu Venerador e Criado. - Prudêncio Augusto de Villas-Boas". - (*Para o Barão.*) Oh! Senhor Barão, dê-me o seu chapéu e a sua bengala. (*Para Mariquinhas*) Menina, venha cumprimentar o Excelentíssimo Senhor Barão da Cutia. (*Mariquinhas faz uma grande cortesia ao Barão.*)

D. ANA - O Senhor Gasparino de Mendonça, 1º Oficial da Secretaria da Justiça, moço delicado e distinto que dá-nos a honra de freqüentar esta nossa casa. (*Mudando de tom.*) Vossa Excelência deve estar bastante machucado com a queda que acaba de dar, e um cálice de licor talvez lhe faça bem. Menina, manda trazer licor para o Senhor Barão. (*Mariquinhas sai pela direita.*)

BARÃO - Não se incomode, minha senhora: sofri apenas um pequeno abalo. Aqueles carros têm esse inconveniente; cada vez me convenço mais de que não há nada como uma boa besta.

GASPARINO - Pois quando Vossa Excelência quiser utilizar-se da minha égua de Meklemburgo, está muito a seu dispor.

BARÃO - Eu prefiro uma boa besta. Em São Paulo tenho uma burra branca que é uma rede; foi um presente que deu-me no dia de meus anos o Juiz de Paz da Cutia: custou-lhe na feira de Sorocaba 500\$000 réis. Oh! que lindo animal! é meter-se-lhe as esporas, e a mulinha sai pela estrada que é um regalo.

D. ANA - Vossa Excelência é a primeira vez que vem ao Rio?

BARÃO - É verdade, minha senhora.

GASPARINO - E como tem achado Vossa Excelência o Rio de Janeiro?

BARÃO - Para falar com franqueza prefiro viver em São Paulo. Aqui vive um homem constrangido, e constantemente a suar: olhe, ontem mudei três camisas, e assim mesmo ainda suava como um alambique de engenho! Lá no meu sítio da Cutia, aquilo sim, é que era viver; não andava metido numa casaca de pano preto, como estou agora: com o meu chapéu de palha, o meu paletó branco, e as minhas calças de enfiar, percorria aquilo tudo, como se estivesse em minha casa. Não há nada que pague a minha comodidade. Não tinha distrações, é verdade; mas quando queria divertir-me, montava na minha burra branca, e ia a São Paulo. *(Entra uma negra com um licoreiro e oferece ao Barão.)*

D. ANA *(Enche um cálice e oferece ao Barão.)* - Beba deste licor, Senhor Barão, que lhe há de fazer bem: é legítimo Curaçao.

BARÃO *(Acabando de beber, dá um grande estalo com a boca.)* - Não é mau, minha senhora, Vossa Senhoria já bebeu garapa de Santo Amaro?

GASPARINO *(À parte.)* - Garapa! *Qu'est ce que c'est que ça!*

D. ANA - Ainda não, Senhor Barão.

BARÃO - Pois é pena, minha senhora, é uma bebida muito saborosa, principalmente quando está um pouco picada. Eu prefiro-a ao licor.

D. ANA - Desculpando a minha indiscrição, Senhor Barão, Vossa Excelência é casado?

BARÃO *(Suspirando.)* - Sou viúvo, minha senhora: há quatro anos que morreu a minha cara Inês.

GASPARINO *(À parte.)* - Que formoso D. Pedro!

BARÃO - Deus a tenha em sua Santa Glória.

D. ANA *(À parte.)* - Um Barão... viúvo e um dos mais ricos fazendeiros da Província... *(Alto.)* A fazenda de Vossa Excelência é mesmo na Cutia?

BARÃO - Tenho duas, minha senhora, uma em Itu, e outra em Porto-Feliz, e além do sítio da Cutia, tenho outra no Senhor Bom-Jesus de Pirapora, onde vou todos os anos passar a festa. O lugar da minha residência é na Cutia, onde sou o eleitor mais votado, e prefiro-o por ser mais perto de São Paulo.

GASPARINO - Mesmo porque Vossa Excelência deve estar relacionado com as pessoas mais gradas da Capital.

D. ANA (*À parte.*) - Duas fazendas! (*Alto.*) Mariquinhas? Mariquinhas?

CENA IV

OS MESMOS e MARIQUINHAS

MARIQUINHAS - Quer alguma coisa, mamãe?

D. ANA (*Indicando uma cadeira.*) - Sente-se aqui, e converse com o Senhor Barão.

MARIQUINHAS (*Sentando-se; à parte.*) - Que maçada!

BARÃO (*Fica algum tempo atrapalhado sem saber o que há de dizer.*) - Que idade tem, Sinhá? (*Mariquinhas abaixa os olhos.*)

D. ANA - Responda, menina; não se faça de tola; não vê que o Senhor Barão pergunta que idade tem.

MARIQUINHAS - Dezesete anos.

BARÃO - É justamente a idade da minha... (*À parte.*) Oh! que diabo de asneira ia eu dizer. (*Alto.*) Sim... quero dizer.

MARIQUINHAS (*Á parte.*) - Que malcriado!

GASPARINO (*À parte.*) - *C'est trop fort!*

D. ANA - Não é por ser minha filha, Senhor Barão; esta menina é muito inteligente e muito prendada: saiu há dois anos do Colégio, e tem tido uma educação completa; toca muito bem piano, canta, desenha, fala o francês e o inglês... (*Mudando de tom.*) Olhe, quer ver, Senhor Barão? (*Para Mariquinhas.*) Menina, conversa um pouco em francês com o Senhor Gasparino para o Senhor Barão ouvir. (*Para Gasparino.*) Faz favor, Senhor Gasparino.

GASPARINO - Pois não, minha senhora. (*Refletindo.*) *Est ce que vous allez au Théâtre aujourd'hui, mademoiselle?*

D. ANA - Não responde, menina? (*Para o Barão.*) Tenho-me esmerado com a sua educação, Senhor Barão, e no entretanto é isto que vê!

BARÃO - Ela tem cara de ser espertinha; mas eu aprecio mais uma boa dona de casa: a minha Inês! aquilo sim, é que era uma verdadeira mulher: ela mesma assistia a deitar-se o milho de molho, a recolher o gado, trazia a casa sempre com muita ordem... enfim, era uma verdadeira mulher!

GASPARINO (*Á parte.*) - O tal Barão ainda está um pouco peludo: eu me encarregarei de civilizá-lo.

D. ANA - Mas isso não a impede de vir a ser uma boa dona de casa, Senhor Barão.

BARÃO - Não duvido, minha senhora; mas a educação moderna é muito mais perigosa.

D. ANA - Mudando de assunto, Senhor Barão, onde Vossa Excelência está morando?

BARÃO - Na rua Direita, casa comercial de *Azevedo & Cia.*

D. ANA - Excusado é dizer a Vossa Excelência que esta casa está sempre ao seu dispor e que tudo quanto estiver no limitado círculo de minhas forças.

GASPARINO (*Interrompendo.*) - Quanto a mim, Senhor Barão, sou apenas um simples Oficial de Secretaria, mas as minhas relações nesta Capital, uma tal ou qual influência que exerço entre as famílias as mais importantes, a longa experiência que tenho adquirido nos salões da Corte, são considerações bastantes para a apresentação de Vossa Excelência no *grand monde*.

BARÃO - O *grão monde*? É alguma sociedade de baile? Em São Paulo também há uma chamada - Concórdia.

GASPARINO (*Rindo-se.*) - Vossa Excelência entendeu mal.

BARÃO - Pois, minha senhora, Vossa Senhoria há de consentir que eu me retire. Ainda tenho que fazer algumas visitas.

D. ANA - Já, Senhor Barão? Não seria melhor darmos um passeio pela chácara, enquanto eu mando aprontar o carro para conduzir Vossa Excelência à cidade?

GASPARINO - Não se incomode, minha senhora, o Senhor Barão há de dar-me a honra de ocupar por momentos a almofada esquerda do meu faetonte. É um lindo carrinho, *tout á fait chie*, puxado por uma das mais lindas éguas que têm vindo ao Brasil.

BARÃO (*Levantando-se.*) - Estou por tudo que quiserem.

D. ANA - Se não é incômodo para Vossa Excelência, podemos dar o nosso passeio pela chácara. (*Designando uma das portas do fundo.*) Quero ter o prazer de oferecer-lhe um ramallete das mais belas flores do meu jardim. (*Saem todos pela porta do fundo, depois de ter Gasparino instado com o Barão para que saia primeiro.*)

CENA V

MARIQUINHAS, só

MARIQUINHAS - Graças a Deus que estou só. Minha mãe há de estar sem dúvida enfadada, por não ter ido acompanhar à chácara o tal Senhor Barão da Cutia, que, seja dito entre parêntesis, é bem malcriado! Esta nossa casa está se tornando presentemente um museu de raridades: até agora tínhamos o Senhor Gasparino com os seus bigodes retorcidos, com o seu catálogo de conquistas e ultimamente com a sua égua de Meklemburgo; dora em diante teremos o Senhor Barão da Cutia; e que nome tão implicante - Barão da Cutia -. (*Indo à janela.*) E Carlos há uma semana que não aparece, ele que tão repetidas vezes freqüentava a nossa casa; está sem dúvida ao lado de outra fazendo os mesmos juramentos e protestos de amor, que tantas vezes me dirigiu. E acredite uma moça em juramentos de amor! Também eu juro que a primeira vez que ele por aqui aparecer, hei de recebê-lo com o maior indiferentismo. Já estou quase achando razão em minha mãe. (*Senta-se pensativa.*)

CENA VI

MARIQUINHAS e CARLOS

CARLOS (*Entrando pelo fundo, à parte.*) - Só! Seja-me ao menos permitido depois de tantos dias de ausência, gozar de alguns momentos da ventura. (*Alto, dirige-se para Mariquinhas, e pára atrás da cadeira.*) Em que pensa? (*Mariquinhas assusta-se e levanta-se.*) Perdão se vim cortar o doce fio dos seus pensamentos.

MARIQUINHAS (*Cumprimentando-o.*) - Senhor Doutor Carlos.

CARLOS - O título de Doutor, minha senhora, procurei-o unicamente para satisfazer as vaidades e caprichos deste século em que vivemos: é a primeira vez, depois de dois meses, dois meses que resumem toda a minha existência, que o recebo de seus lábios: não sei por que me trata assim!

MARIQUINHAS - Não faço mais do que dar-lhe o tratamento que tem. (*Senta-se, tira uma flor dos cabelos, e começa a desfolhá-la.*)

CARLOS (*Á parte.*) - São arrufos. (*Alto.*) A senhora sua mãe não está em casa?

MARIQUINHAS - Está passeando pela chácara com o Senhor Gasparino, e um Barão que chegou de São Paulo.

CARLOS - Sem dúvida é o tal Barão a causa da indiferença com que me recebe depois de tantos dias de ausência, não?

MARIQUINHAS - Dias talvez bem agradáveis para o senhor!

CARLOS - Há de permitir que lhe diga que não a compreendo.

MARIQUINHAS - Nem eu.

CARLOS - Minha senhora, em tudo isto há um mistério, filho talvez de alguma intriga baixa e mesquinha. Em nome desse amor tão puro e santo que lhe consagro, peço-lhe que me explique. (*Mariquinhas continua a desfolhar a flor.*) Oh! não responde. (*Mudando de tom.*) Eu me retiro, minha senhora. Não quero importuná-la mais. Vossa Excelência esqueceu o passado, e é justo que sufoque no peito as esperanças que acalentei. Duas únicas ambições tenho eu tido em minha vida: a primeira, o meu sonho dourado desde os mais tenros anos, consegui realizá-lo à custa de sacrifícios e de lágrimas de sangue: é esse o título que hoje me enobrece; a segunda... oh! foi um sonho! (*Mudando de tom.*) Adeus, minha senhora.

MARIQUINHAS (*Levantando-se.*) - Escuta, Carlos: acusas-me de ingrata, quando devia ser eu a primeira a fazê-lo. Já não és o mesmo de outrora! Já não frequentas a nossa casa como dantes, e hoje tenho notado que já não procuras aquela que parecia ser o único objeto de teus pensamentos! É justo: talvez outras ilusões...

CARLOS - Oh! não continues, Mariquinhas: não podes avaliar o quanto me custa viver longe de ti. Amo-te muito, amo-te como se pode amar pela primeira vez na vida, e é esse mesmo amor tão santo que me aparta de ti. Sei das intenções de tua mãe, e é preciso que eu mate esta paixão, já que não posso fazer a tua felicidade! Além disso, se eu frequentar a tua casa constantemente, o que dirá o mundo?

MARIQUINHAS - Que nos amamos, Carlos; e o mundo respeitará nossas crenças, porque elas são as crenças de um primeiro amor.

CARLOS - Mas infelizmente o mundo não as compreende. Ele calca aos pés os sentimentos mais puros, e não duvida mesmo ferir-nos no que temos de mais caro; Sabes o que por aí se diz? Que um homem, a quem a sociedade respeita, porque infelizmente ela só olha para as aparências, vai em breve alcançar a tua mão!

MARIQUINHAS - Quem, Carlos? Oh! dize-me, eu te peço, quem é esse homem?

CARLOS - O Senhor Gasparino de Mendonça.

MARIQUINHAS - E tu acreditaste?!

CARLOS - Conheço-te bastante para te supor capaz de amar um tal homem! Educada nos salões, sei que não te deixas levar por seu falso e pomposo brilho: poderias amar uma fronte pálida, que trai um coração ébrio de vida e de esperança, mas nunca uma caricatura da imagem de Deus, um personagem ridículo de comédia, que consulta ao espelho a melhor maneira de entrar em um salão.

MARIQUINHAS - Eu odeio esse homem, Carlos, e juro-te que, se alguma esperança ele nutre por mim, há de por força odiar-me.

CARLOS - Creio-te, Mariquinhas, agora vê se te amo. (*Ouve-se passos de quem sobe a escada.*)

MARIQUINHAS - Sinto passos: é minha mãe. (*Sentam-se e fingem conversar.*)

CENA VII

OS MESMOS, BARÃO, D. ANA e GASPARINO

GASPARINO (*Pondo uma cravina no peito.*) - É uma bela chácara.

BARÃO (*Com um ramo de flores.*) - E está muito bem plantada. Que excelente capim tem Vossa Senhoria nos fundos!

CARLOS (*Para D. Ana.*) - Minha senhora. (*Faz um cumprimento.*)

D. ANA - Como tem passado, Senhor Doutor Carlos?

GASPARINO (*À parte.*) - Mau, já não estou aqui muito bem; a presença deste homem faz-me mal aos nervos; sabe-me da crônica, e é o diabo.

D. ANA (*Para o Barão.*) - Apresento a Vossa Excelência o Senhor Doutor Carlos de Brito, um dos moços que faz o favor de freqüentar a nossa casa. (*Para Carlos.*) É o Excelentíssimo Senhor Barão da Cutia, um dos mais importantes fazendeiros da Província de São Paulo.

CARLOS (*Cumprimentando-o.*) - Tenho muita honra e prazer em conhecer a Vossa Excelência.

GASPARINO (*Que durante esse tempo passeia aflito, vê as horas.*) - Senhor Barão, quando Vossa Excelência quiser retirar-se, estou às suas ordens.

BARÃO - Vamos, meu amigo, porque já estou alagado em suor, e quero mudar a camisa. Que calor!

GASPARINO - *C'est vrai, bien chaud.*

BARÃO - Homem, diga-me uma coisa, naquele seu carrinho não há perigo de cair-se? é tão pequenino! As rodas parecem de piaçaba! Eu já estou escarmentado com o tal *Puxa-bomba, Saca-bomba, Mete-bomba, Vira-bomba*, ou o diabo que o carregue.

GASPARINO - Vossa Excelência engana-se, aquilo é um carrinho que reúne a elegância à consistência. E o que se chama um verdadeiro faetonte.

BARÃO (*Para D. Ana.*) - Minha senhora, vou penhorado pelas maneiras afáveis com que Vossa Senhoria tratou-me; se precisar de qualquer coisa, lá estou na rua Direita nº 54.

D. ANA (*Fazendo uma cortesia.*) - Só o que desejo, Senhor Barão, é que Vossa Excelência continue a vir a esta sua casa, para que eu possa ter o prazer de passar momentos tão agradáveis em sua amável companhia.

GASPARINO (*Indo ao fundo.*) - James, volta o carrinho. (*Voltando e dirigindo-se ao Barão.*) Vamos pela rua Nova do Imperador, o passeio é mais poético. (*À parte.*) Quero ter a honra de pentear um Barão. (*Alto, para D. Ana.*) Minha senhora. (*Cumprimenta. Para Mariquinhas.*) Minha senhora. (*Faz um cumprimento a Carlos e sai com o Barão.*)

CENA VIII

OS MESMOS, *menos* GASPARINO e BARÃO

D. ANA - Tem estado incomodado, Senhor Doutor Carlos? há tanto tempo que não aparece.

CARLOS - Já me desculpei com Dona Mariquinhas, minha senhora: os doentes roubam-me a maior parte do tempo, e impedem-me muitas vezes de cumprir certos deveres.

D. ANA - É o inconveniente de procurar-se uma profissão tão trabalhosa, e sobre a qual pesa tão grande responsabilidade.

CARLOS - Fui levado pela vocação, minha senhora, mas infelizmente o mundo não compreende as vocações. Vale mais aos olhos da sociedade atual aquele que amontoa riquezas, embora tenha o coração corrompido e o espírito coberto de misérias, do que aquele que, pelo suor de seu trabalho e à custa de tantos sacrifícios, conquista um título que o eleva. A glória é um sonho de loucos: o mundo só olha para os fins e não atende aos meios. Voltemos aos primitivos tempos do paganismo; levante-se um altar ao deus Mercúrio e seja tudo o que o homem pode ter de mais caro e de mais sublime sacrificado nesse altar.

MARIQUINHAS (*À parte.*) - E Carlos que me compromete, meu Deus!

D. ANA (*À parte.*) - A tal fingida já lhe disse tudo. (*Alto.*) Não é tanto assim, Senhor Doutor Carlos: a sociedade não está tão corrompida como julga e custa-me a crer que ainda tão jovem, já esteja tão descrente.

CARLOS - Não é descrença, minha senhora; desgraçadamente é a convicção da verdade.

D. ANA - Talvez o Senhor Doutor Carlos fale despeitado.

CARLOS - Talvez, minha senhora, o futuro mo dirá.

D. ANA - Apesar da sua descrença, crê ainda no futuro, doutor?

CARLOS (*Vendo as horas.*) - Sinto bastante não poder continuar a discussão, minha senhora: é quase noite, e tenho ainda que ver dois doentes.

D. ANA - Pois não passa a noite conosco?

CARLOS - Se não fossem os doentes, com muito prazer. (*Apertando a mão de D. Ana.*) Até breve, minha senhora. (*Apertando a mão de Mariquinhas.*) Adeus, Dona Mariquinhas.

D. ANA - Não seja tão esquivo e continue a aparecer como dantes. (*Carlos sai.*)

CENA IX

MARIQUINHAS e D. ANA

D. ANA - Agora nós, Senhora Dona Mariquinhas. Diga-me por que razão esteve a senhora sozinha com esse moço, durante todo o tempo em que estive na chácara? não podia levá-lo para onde eu estava? É bonito que uma menina de sua idade converse só, horas esquecidas, com um rapaz solteiro?

MARIQUINHAS - Ele tinha chegado há pouco, mamãe, e eu ia levá-lo à chácara, quando vosmecê entrou.

D. ANA - Não minta, que eu bem vi quando ele chegou; assim como também já sei que a senhora foi meter-lhe no bico tudo quanto lhe disse há pouco relativamente ao seu futuro. Ele veio atirar-me indirectas e pedrinhas, mas engana-se, que eu bem sei o que hei de fazer. Sou capaz de apostar que a senhora não se agradou daquele homem respeitável e sisudo que aqui esteve? Não é nenhum bonequinho de cheiro, nem qualquer doutorzinho!

MARIQUINHAS - Quem, mamãe? o Barão da Cutia?

D. ANA - Sim, o Barão da Cutia, que é viúvo, e um dos mais importantes fazendeiros da Província de São Paulo.

MARIQUINHAS (*Rindo-se.*) - Ora, mamãe...

D. ANA - O que quer dizer esse - ora mamãe?

MARIQUINHAS - Quer dizer que o Barão da Cutia poderá servir para tudo neste mundo, menos para meu marido.

D. ANA - E quem é a senhora para dizer que este ou aquele não pode ser meu marido? Quem manda aqui nesta casa, Senhora Dona Mariquinhas? Uma vez por todas: a senhora há de fazer aquilo que eu quiser, e nunca aquilo que bem lhe parecer; entendeu?

MARIQUINHAS - Farei tudo o que vosmecê quiser, mas desde já previno-a, que com o tal Barão não me caso.

D. ANA - Ah! a senhora desafia-me? pois bem, veremos quem vence. Sente-se ali, e vá estudar sua lição de piano.

(Cai o pano.)

ATO SEGUNDO

O teatro representa uma sala com portas ao fundo, duas portas laterais. Um sofá, espelhos, etc. É noite.

CENA I

CARLOS e MARIQUINHAS

Ao subir do pano ouve-se a música dentro tocar uma quadrilha que continua durante todo o diálogo. Carlos e Mariquinhas entram de braço pelo fundo e passeiam pela cena.

MARIQUINHAS - Já sabes que o Senhor Gasparino casou-se, Carlos?

CARLOS - Não sabia.

MARIQUINHAS - Pois é exato: casou-se há dois meses com uma velha muito rica.

CARLOS - São casamentos da época.

MARIQUINHAS - E talvez que eles sejam bem felizes.

CARLOS - Oh! não repitas, Mariquinhas: conheço bastante tua alma para que te julgue capaz de partilhar de tais idéias. Pensas que a felicidade consiste na suntuosidade e no luxo?

MARIQUINHAS - Não, Carlos. Mas minha mãe, infelizmente, assim o entende e eu não sei o que sinto desde que esse maldito Barão apareceu em nossa casa: o coração vaticina-me que esse homem há de ser a causa da nossa desgraça; é viúvo, rico e sem filhos; e minha mãe já me deu a entender que era ele o único que poderia fazer a minha felicidade.

CARLOS - A tua felicidade!...

MARIQUINHAS - Sim, Carlos. Ultimamente o Senhor Gasparino tornou-se o seu amigo inseparável e talvez insuflado por minha mãe representa entre mim e esse homem o papel mais ridículo que pode representar um moço de educação.

CARLOS - E falas de educação, Mariquinhas? Tens razão. O Senhor Gasparino é um moço bem educado, que passa por ter mesmo as mais belas qualidades: freqüenta os salões... intermedeia nas conversações algumas frases estudadas do francês, enfim... é um moço bem educado. Inculca-se 1º Oficial da Secretaria da Justiça e só fala em grandezas quando não passa de um simples praticante, cuja ocupação é fumar charutos e copiar ofícios. Mora no Hotel dos Estrangeiros; janta e almoça com diplomatas, diz ele, mas entretanto anda em contínua guerra com os cabeleireiros e alfaiates da rua do Ouvidor. A sua vida é um mistério. Mas a sociedade também pouco se importa com isso: acolhe-o com os braços abertos em seu seio e considera-o mesmo um dos seus filhos prediletos.

MARIQUINHAS - Mas minha mãe o recebeu em sua casa na persuasão de que ele era um moço distinto.

CARLOS - Oh! o que eu não contesto é que ele seja distinto, até bem distinto!

MARIQUINHAS - Não conversemos sobre futilidades, Carlos; deixemos o Senhor Gasparino. Estamos a sós. Estes momentos são preciosos: falemos de nós só, de nós e do nosso futuro.

(Senta-se juntamente com Carlos.) Não ignoras que este baile foi dado por minha mãe ao Barão da Cutia: minha mãe tem se desfeito em obséquios para com esse homem, leva constantemente a falar na minha educação e nas minhas prendas e é raro o dia em que não mande o carro à cidade para que ele venha passar as tardes conosco. Eu conheço perfeitamente as intenções e julgo que esta comédia, onde, bem contra minha vontade, estou representando um papel tão importante, vai terminar como todas pelo casamento. Assim pois, só tu me poderás salvar antes que isso se realize. Jura-me, Carlos, em nome do nosso amor, que hás de cumprir um pedido que vou fazer-te.

CARLOS - Em nome do nosso amor, Mariquinhas, não duvidarei fazer os maiores sacrifícios. Dize.

MARIQUINHAS - Pois bem, pede-me quanto antes em casamento à minha mãe.

CARLOS - E julgas que o meu pedido seria atendido! Queres matar a única esperança que me acalenta, a única ilusão que me resta?

MARIQUINHAS - Eu juntarei os meus rogos aos teus, Carlos, e ela nos atenderá.

CARLOS - Acostumado desde criança aos revezes, este golpe seria o mais doloroso para mim. Deixa-me portanto viver neste doce engano porque esta ilusão é toda minha vida. Órfão de pai e mãe, desde a infância fui confiado aos cuidados de um tio bastante rico, que, incumbindo-se da minha educação, não poupou sacrifícios para sustentar-me na carreira que hoje trilho: foi um pai carinhoso e desvelado que a Providência me deparou e a quem devo tudo neste mundo. Até aqui só tenho tido lágrimas e dores, Mariquinhas, poupa-me o martírio: deixa-me viver nesta ilusão.

MARIQUINHAS - Mas, Carlos, teu tio é rico.. . *(Mariquinhas levanta-se e indo à direita encontra-se com Gasparino que entra com uma capa ao braço ao lado de Porfíria.)*

CENA II

OS MESMOS, GASPARINO e PORFÍRIA

MARIQUINHAS *(Dando um abraço e um beijo em Porfíria.)* - Chegaram tão tarde...

GASPARINO *(Tirando o relógio.)* - São dez horas, é a melhor hora de entrar-se num salão: além disso a menina esteve arrançando o seu toalete. *(Olhando para Carlos, diz à parte.)* Sempre este homem.

MARIQUINHAS - Não quer ir ao toailete arranjar os seus cabelos e os seus enfeites, Dona Porfíria?

PORFÍRIA - Ai... Estou muito fatigada: os balanços do carro incomodaram-me excessivamente; quero descansar um pouco. Trouxeste o meu vidrinho de água de Colônia, Gasparino?

GASPARINO - Esqueci-me, deixei-o no *boudoir*.

PORFÍRIA - Fizeste mal, menino, tu sabes que sou achacada dos nervos e a menor emoção incomoda-me.

MARIQUINHAS (*À parte.*) - E diz ela que tem emoções.

PORFÍRIA - Dá-me a capa, Gasparino; estou um pouco suada e vem dali... daquela porta, uma correnteza de ar... que pode fazer-me mal.

GASPARINO - Não sejas criança, Porfíria, não vês que é uma brisa fagueira e saudável que sopra? Eu sou até de opinião que vás ao jardim respirar este ar, que há de fazer-te bem.

CARLOS (*À parte.*) - Que par tão elegante!

GASPARINO - Vai arranjar o teu toailete, menina. A Senhora Dona Ana de Lemos já deve estar à nossa espera. Aqui tens a tua capa. (*Entrega a capa.*) Eu vou passar um golpe de vista pelo salão.

PORFÍRIA - Estou às suas ordens, Dona Mariquinhas. (*Mariquinhas e Porfíria saem pela esquerda.*)

CENA III

CARLOS e depois o BARÃO

CARLOS - São na realidade bem originais esses quadros da sociedade de hoje! Bem originais, palavra de honra. (*Tira um charuto e vai acendê-lo.*)

BARÃO (*Entrando pelo fundo.*) - Que calor, meu Deus! Se me demorasse naquela sala morria sufocado! Além disso, por meu caiporismo, meti os pés no vestido de uma moça e o reduzi a trapos: olhe que sou mesmo um desastrado!

CARLOS (*À parte.*) - É o Barão: desfrutemo-lo.

BARÃO - Oh! Doutor, por aqui: não dança?

CARLOS - Gosto mais de apreciar, senhor Barão.

BARÃO - Pois olhe: eu já dancei duas quadrilhas, mas, meu amigo, custaram-me caras, porque estou alagado em suor e com uma dor de cabeça... Oh! Que dor de cabeça, doutor.

CARLOS - Padece da cabeça, senhor Barão?

BARÃO - Muito, doutor, desde o tempo de casado: parece-me que isto já é crônico, é de família. Foi uma felicidade encontrá-lo:

se pudesse dar-me um remédio...

CARLOS - As dores são periódicas?

BARÃO - Se eu tenho - periódicos? não senhor. Apenas assinante do *Correio Paulistano*.

CARLOS (*À parte.*) - Que estúpido! (*Alto.*) Quero dizer: se essas dores aparecem todos os dias a uma hora certa e determinada.

BARÃO - Não senhor, passo muitas vezes sem tê-las; quase sempre aparecem quando faço um grande excesso; mas no meu tempo de casado eram constantes.

CARLOS - Deixe-me ver o seu pulso. (*Apalpa o pulso.*) Tenha a bondade de pôr a língua de fora. (*Barão mostra a língua.*) A sua língua não está boa. (*A orquestra toca uma valsa.*) Com licença, senhor Barão, vou ver se encontro um par de valsa. (*Sai apressado pelo fundo.*)

BARÃO - Ó doutor! Doutor!... - A sua língua não está boa! - E esta! Que diabo terá a minha língua. (*Vai ao espelho e examina a língua.*)

CENA IV

OS MESMOS e GASPARINO

GASPARINO (*Entrando pelo fundo.*) - *Que! damage!* o par de valsa roeu-me a corda. (*Reparando para Barão.*) O que está fazendo aí, senhor Barão?

BARÃO (*Mostrando a língua.*) - Veja, (*Pausa.*) a minha língua não está boa!

GASPARINO - O que quer dizer isso?

BARÃO - Disse-me o Doutor Carlos!

GASPARINO - E Vossa Excelência acredita no que dizem os médicos?

BARÃO - Oh! se acredito, meu amigo! Tenho medo desta cidade; todos os dias leio o obituário no *Jornal do Commercio* e arrepio-me diante de uma fileira de pessoas que morrem de *gastrites*, *fistrites*, ou coisa que o valha; e de uma moléstia chamada *idem, idem* que eu não sei o que seja. Estou vendo que se a tal moléstia - *idem* - continua, vou-me embora quanto antes para São Paulo. Aquilo, sim, é que é terra; aparece de vez em quando lá um ou outro caso de *bexigas* ou de *maletas*, mas isso não quer dizer nada à vista do que por aqui há.

GASPARINO - Não pense nisso, senhor Barão, Vossa Excelência está sadio e robusto. Já andei à sua procura pela sala. Saiba que ainda não pude realizar o seu negócio: trago a carta aqui no bolso, mas ainda não me foi possível estar em um *tête a tête* com a menina. Eu entendo que Vossa Excelência deve dirigir-se a ela e declarar positivamente tudo o que sente; isto de cartas compromete; as palavras convencem mais. Olhe: eu nunca escrevi à minha cara Porfíria; pintei-lhe em uma ocasião a seus pés a paixão que me devorava com as cores as mais vivas, cantei ao piano um romance cheio de inspiração e de dor...

BARÃO - Então acha que eu devo... cantar!

GASPARINO - Não é de absoluta necessidade, senhor Barão; basta somente dizer que a ama, que a adora, etc., etc.

CENA V

OS MESMOS e CARLOS

CARLOS (*Aparecendo no fundo, à parte.*) - Oh! O Barão e o Senhor Gasparino! Ouçamos o que eles dizem.

BARÃO - Mas, meu amigo, eu não sou o senhor, o senhor sabe essas palavras bonitas que eu não sei; ainda é moço, e pode, com facilidade, fazer uma declaração de amor.

CARLOS (*À parte.*) - Uma declaração de amor!

GASPARINO - Mas acredite, senhor Barão, que não há nada mais fácil do que uma declaração de amor.

BARÃO - Mas os meus cabelos brancos

GASPARINO - Oh! *Mais ça n'est fait rien*, quando ama-se loucamente uma menina, como Vossa Excelência ama a Dona Mariquinhas.

BARÃO - Se ela ao menos já tivesse lido a carta. . . Oh! é impossível que aquela carta que o senhor escreveu não lhe vá fazer cócegas no coração; olhe que está muito bem escrita! Aqueles dois versos do fim... não se lembra, Senhor Gasparino?

GASPARINO - Aquilo foi escrito ao correr da pena, senhor Barão: é impossível reter. Eu entendo que Vossa Excelência deve aproveitar esta noite para fazer a sua declaração. A Senhora Dona Ana de Lemos leva muito a bem, e até estima este casamento, como ela mesmo me deu a entender, e Vossa Excelência não deve perder esses momentos preciosos. Parece-me que este doutorzinho em medicina que frequenta a casa faz a corte e pode tirar-lhe do lance.

BARÃO - Pois quê? esse pinga, esse pelintra que teve há pouco o desaforo de dizer que a minha língua não estava boa, arrasta a asa à menina?

CARLOS (*À parte.*) - São títulos que me honram, é um Barão quem mos dá.

GASPARINO - Eu não sei com certeza. Não lhe posso afiançar, mas pelo que tenho observado...

BARÃO - Então acha que eu devo fazer-lhe uma declaração?

GASPARINO - É minha opinião.

BARÃO - Mas é o diabo! O senhor não poderia ensinar-me algumas frases, ao menos só para começar, sim, porque o mais difícil é começar. Eu sou um pouco estúpido, reconheço.

GASPARINO - É modéstia de Vossa Excelência: faço justiça à sua reconhecida inteligência.

CARLOS (*À parte.*) - Oh! pois não!

GASPARINO - E se o coração não lhe manda aos lábios essas palavras fervorosas de paixão, é porque Vossa Excelência ama com delírio e a presença dessa menina faz-lhe perder a razão.

BARÃO - Oh! bonito! meu amigo, bonito! E assim que devo começar?

GASPARINO - Não, senhor Barão. Vossa Excelência deve começar, pintando esse fogo que o abrasa em segredo há três meses, que a ama como um insensato, que, para merecer-lhe um olhar, não duvidaria arriscar a sua glória e o seu futuro, que por um seu sorriso, daria a vida, e que para alcançar a sua mão trocaria as harmonias dos anjos e a mansão celeste pelas chamas e tormentos do inferno!

BARÃO - Bravo, meu amigo: bravíssimo! Continue, continue: eu lhe peço.

GASPARINO - Aí, necessariamente, ela há de dizer que os homens são uns perjuros, uns inconstantes...

BARÃO - Não é melhor fazermos isto ao vivo, Senhor Gasparino?

CARLOS (*À parte.*) - Ao vivo! O negócio complica-se.

BARÃO - Eu quero ficar com essas palavras bem gravadas na memória e é preciso que nem uma só delas se perca. Suponha o meu amigo que eu sou Dona Mariquinhas e que o senhor representa a minha pessoa.

GASPARINO - Está dito: como é para bem de Vossa Excelência... Sente-se nesta cadeira. (*Oferece uma cadeira ao Barão que senta-se.*) Eu fico deste lado. Lá vai: minha senhora. (*Faz uma cortesia.*) Aqui faz Vossa Excelência uma cortesia. Vamos ensaiar outra vez.

CARLOS (*À parte.*) - Se eu contar esta cena ninguém me acreditará!

GASPARINO - Minha senhora... (*Faz uma cortesia e o Barão levantando-se corresponde.*) Justamente: há três meses que um sentimento vago e indeciso preenche um vácuo que existia em meu coração: por toda a parte uma imagem de anjo, uma fada, uma visão de roupas brancas me persegue e preocupa-me o pensamento; quer acordado, quer em sonhos vejo esse anjo adejar sobre minha cabeça e apontar-me sorrindo para um céu de venturas e prazer: esse anjo, essa mulher, essa visão de roupas brancas (veja Vossa Excelência a expressão com que eu digo isto), essa visão sois vós.

BARÃO - Agora eu passo para o seu lugar e o senhor passa para o meu. (*Trocam de lugares.*) Mas eu não posso exprimir-me por outras palavras? É impossível decorar em tão pouco tempo toda esta trapalhada.

GASPARINO - Vossa Excelência pode usar de outros termos: basta que eles exprimam o que o seu coração sente. Cumpre porém acabar de joelhos: isto é o mais essencial.

BARÃO - Lá vai: eu te amo Mariquinhas, tu és uma fada de visões brancas; quero dizer, uma visão de fadas brancas... Oh! diabo, também não é: ora, isto também não é essencial! lá vai outra vez: amo-te, sim, amo-te e por que não hei de amar-te? Amo-te como amava a minha cara Inês, (*Possuído, segura nas mãos de Gasparino e ajoelha a seus pés.*) como a minha cara Inês, que lá repousa no Jazigo de Itu. (*Entra Dona Ana de Lemos pela esquerda e pára admirada olhando para o Barão: Carlos desaparece.*) Amo-te e adoro-te. (*Gasparino olha para Dona Ana de Lemos e levanta-se.*)

CENA VI

OS MESMOS, D. ANA, *menos* CARLOS

D. ANA (*À parte.*) - O Barão aos pés do Senhor Gasparino! Um homem aos pés do outro! (*Alto.*) O que fazia, senhor Barão?

BARÃO (*Ainda de joelhos.*) - Nem sei, minha senhora. (*Levanta-se.*)

GASPARINO (*Perturbado.*) - O senhor Barão perguntava-me... Sim. .. (*À parte.*) Que escândalo! (*Alto.*) Com licença, minha senhora, eu vou à sala ver a minha Porfíria que deve estar ansiosa por mim. (*Sai.*)

CENA VII

D. ANA e BARÃO

BARÃO (*Fica perturbado sem saber o que há de dizer: pausa longa.*) - Que tal tem achado Vossa Senhoria o baile?

D. ANA - A mim é que compete fazer essa pergunta, senhor Barão.

BARÃO (*À parte.*) - Bonito! já disse uma asneira.

D. ANA - Vossa Excelência tem-se divertido?

BARÃO - Alguma coisa, minha senhora, alguma coisa.

D. ANA - Tem dançado, já sei.

BARÃO - Duas quadrilhas, minha senhora.

D. ANA - Não valsa, senhor Barão?

BARÃO - Na minha idade, minha senhora! Já estou um pouco pesado; já fiz época. Uma ocasião valsei no baile da Concórdia em São Paulo com a filha do alferes Braga e ela deu a entender que eu não valsava mal: mas hoje já não sou o mesmo.

D. ANA - Já dançou com Mariquinhas, senhor Barão? Ela dança muito bem: é principalmente na dança onde ela prima. Aprendeu três meses no colégio e dança com muita graça.

BARÃO (*À parte.*) - Oh! ela fala-me desse anjinho: vou declarar-lhe tudo quanto sinto. (*Alto.*) A sua filha, minha senhora, a sua filha é... Sim... a sua filha dança bem. Mas eu tenho a cabeça em febre, sinto no peito.

D. ANA - Está incomodado, senhor Barão?

BARÃO (*À parte.*) - Lá vai tudo: ânimo e coragem. (*Alto.*) Oh! minha senhora eu a amo, eu amo uma fada, uma roupa de visões brancas, um anjo que me consome a existência. Esse anjo, essa mulher, essa visão sois vos.

D. ANA - Ai! será possível, senhor Barão? Tanta felicidade! tanta ventura! Oh! diga-me que tudo isto é um sonho! Tire-me desta ilusão!

BARÃO - Oh! não, não é um sonho: eu amo, sim, eu amo: por um seu sorriso daria as chamas do inferno e por um seu olhar as alegrias dos anjos. A vossos pés deposito duas fazendas.

D. ANA - Ah!

BARÃO - O meu sítio da Cutia...

D. ANA - Oh!

BARÃO - O meu sítio do Senhor Bom-Jesus de Parapora.

D. ANA - Ah!

BARÃO - A minha burra branca e o meu título de Barão. (*D. Ana desmaia.*) O que é isto, minha senhora? O que tem? (*Tira um lenço e abana-lhe o rosto.*) Minha senhora! Minha senhora!

D. ANA - Estou melhor; o prazer, a emoção... Aceito com reconhecimento tanto sacrifício, senhor Barão. Em troca de tudo isto só posso dar-lhe a minha mão.

BARÃO (*À parte.*) - A sua mão! O diabo da velha não me entendeu!

D. ANA (*À parte.*) - Oh! É um sonho! Eu o queria para genro e ele quer dar-me o doce título de esposa.

BARÃO - A sua mão! Então Vossa Senhoria não me compreendeu.

D. ANA - Pois não é da nossa união de que se trata, senhor Barão?

BARÃO - Vossa Senhoria entendeu mal! É a mão de sua filha, de Dona Mariquinhas que eu peço.

D. ANA - Oh! bem eu dizia que era um sonho; mas ainda sou muito feliz, senhor Barão, muito feliz: não mereci o doce nome de esposa, mas posso de ora em diante chamar-lhe meu adorado, meu idolatrado filho.

BARÃO - Oh! minha senhora, Vossa Senhoria entenece-me.

D. ANA (*À parte.*) - Duas fazendas! Um baronato! Realizou-se enfim o meu sonho dourado. (*Alto.*) Vou para a sala, senhor Barão, quero dar quanto antes a Mariquinhas esta agradável notícia.

BARÃO - Por ora nada lhe diga, minha senhora: ela pode desmaiar de prazer.

D. ANA - Vou quanto antes, senhor Barão. (*À parte.*) Duas fazendas! (*Sai apressada pelo fundo.*)

CENA VIII

O BARÃO, MARIQUINHAS e PORFÍRIA

BARÃO (*Respirando.*) - Parece-me que estou livre de uma carga! Ora também o diabo não é tão feio como o pintam; pensei que fosse mais difícil. (*Entra Mariquinhas com Porfíria pela esquerda.*) Aí vem ela: que peixão!

PORFÍRIA (*Cumprimentando o Barão.*) - Senhor Barão... ainda não tive o prazer de vê-lo hoje, mas já perguntei por Vossa Excelência. (*Senta-se juntamente com Mariquinhas depois desta fazer uma cortesia ao Barão.*)

BARÃO - Estou aqui tomando fresco.

MARIQUINHAS - Como tem achado esta nossa reunião, Dona Porfíria?

PORFÍRIA - Bem agradável, Dona Mariquinhas. Mas infelizmente